

EM TODAS AS RUAS VEEM-SE CADÁVERES AMBULANTES E NUS SEM FORÇAS PARA IMPLORAREM UMA ESMOLA (...). A MORTE TEM ARREBATADO MUITAS VIDAS: Doenças na Parahyba no Contexto da Seca de 1877-1879

Rayane de Lima Brasil¹
Serioja R.C. Mariano²

RESUMO:

Este artigo tem por objetivo analisar as doenças da população, na Província da Parahyba, especialmente no Sertão, durante a Seca de 1877-1879. O período ficou marcado pelo aumento da mortalidade, desnutrição e inúmeras doenças, fenômenos intensificados pelo deslocamento de famílias provenientes de diferentes regiões em direção ao Brejo e à Capital da Província. A pesquisa está baseada no conceito de representações sociais, proposto pela História Cultural e na História da Saúde e das Doenças. Para subsidiar a nossa pesquisa utilizamos como fontes as matérias de jornais, relatórios presidenciais e médicos, além das Relações/Lista das Comissões de Socorros Públicos.

PALAVRAS-CHAVE: Doenças; Parahyba; Saúde; Seca; Sertão.

ON EVERY STREET, ONE CAN SEE WALKING, NAKED CORPSES
WITHOUT THE STRENGTH TO BAG FOR ALMS (...). DEATH HAS
CLAIMED MANY LIVES: Diseases In Parahyba During The 1877-1879

ABSTRACT:

This article aims to analyze the diseases of the population in the Province of Parahyba, especially in the Sertão, during the Drought of 1877-1879. The period was marked by an increase in mortality, malnutrition and numerous diseases, phenomena intensified by the displacement of families from different regions towards Brejo and the Capital of the Province. The research is based on the concept of social

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFPB (PPGH/UFPB); e integrante do Grupo de Pesquisa Sociedade e Cultura no Nordeste Oitocentista (CNPq/UFPB). ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-3125-2685>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9455552614430906>. Contato: rayane.brasil@academico.ufpb.br.

² Professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da UFPB; e líder do grupo de pesquisa Sociedade e Cultura no Nordeste Oitocentista (CNPq/UFPB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6010-0001>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1684275258516891>. Contato: serioja.mariano@academico.ufpb.br.

representations, proposed by Cultural History; and in the History of Health and Diseases. To support our research, we used newspaper articles, presidential and medical reports, as well as the List of Public Relief Commissions as sources.

KEYWORDS: Diseases; Parahyba; Health; Dry; Sertão.

Introdução

A Província da Parahyba enfrentou diversos episódios epidêmicos ao longo do século XIX, como a febre amarela (1850) a cólera *morbis* (1856 e 1862) e a varíola, com sucessivos surtos. Essas doenças impactaram significativamente a população, mas a situação se agravou, ainda mais, com a chegada da Seca em 1877, especialmente no Sertão. Apesar da relevância dessa temática, são poucos os estudos historiográficos que dedicaram atenção às doenças e as condições de saúde no Sertão Parahybano. A região, frequentemente tratada como um espaço distante e “interiorizado”, possui uma historicidade própria que merece ser explorada para uma compreensão mais ampla, seja em diferentes períodos e abordagens de pesquisa. Portanto, este artigo pretende analisar como as doenças, no contexto da Seca de 1877, foram representadas nessa a região.

Uma das grandes contribuições propostas pela terceira geração dos *Annales*, com a Nova História Cultural, foi a pluralização de novos temas, os significados e representações atribuídos aos fenômenos históricos, com destaque para as práticas culturais, os símbolos, as mentalidades e as formas de expressão dos indivíduos e grupos ao longo do tempo. Como chama a atenção Le Goff (1997) “as doenças que têm história” e podem ser compreendidas como elemento de desorganização e reorganização social conforme as transformações de cada sociedade (REVEL; PETER, 1995). Além dos aspectos biológicos, as doenças também podem ser pensadas enquanto representações socioculturais, observando aspectos como “[...] as mudanças sociais, dinâmica demográfica e deslocamento populacional [...]”

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

processos de construção de identidades individuais, constituição de campos de saber e disciplinas” (NASCIMENTO, 2005, p.29-30).

Quando pensamos nas abordagens acerca das doenças no sertão é necessário discutir as múltiplas interpretações sobre essa região na historiografia. Na literatura dos séculos XIX – a exemplo dos livros *Os Retirantes* (1879), de José do Patrocínio; e no início do XX, *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz, observamos como o sertão é retratado, a partir de uma abordagem em que o espaço é um palco de longos períodos de seca, de sofrimento e miséria, aonde a população é relacionada a fome, as doenças e os deslocamentos para outras localidades, ou seja, “o espaço da saudade e da tradição (ALBUQUERQUE JR., 2006, p.78).

Mas, percebemos que essa visão vem mudando desde a década de 1980, nos proporciona novos olhares: como recorte espacial geográfico, representados tanto como uma região semiárida e distante, quanto por sua produção econômica, até chegar no imaginário cultural, com os cordéis, as músicas entre outras produções que exprimem lugares poucos conhecidos e povoados. Erivaldo Fagundes Neves assevera que alguns temas trazem os “fenômenos meteorológicos ou flagelos sociais, materializados na seca ou na emigração” (NEVES, 2003, p.159). Nas palavras de Albuquerque Jr. (2006), “uma palavra que designa sempre o outro”, também é caracterizada pelo olhar e interpretação do outro para ser um “lugar ainda a ser explorado, conhecido, cartografado, conquistado” (MELO; ROCHA, 2021, p. 309).

As Doenças no Sertão da Parahyba em meio a Seca de 1877-1879

A Seca de 1877-79 é marcada pelo conjunto de acontecimentos ligados não só as condições climáticas, mas também à saúde e a economia de todas as regiões afetadas, exigindo os esforços das autoridades públicas e soluções que garantissem a melhoria eficaz dos estragos causados. Na Parahyba, as primeiras notícias sobre a

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

chegada da seca e suas consequências são apresentadas em jornais e nos Relatórios do Presidente de Província. Em agosto de 1877, o presidente Dr. Esmerino Gomes Parente informava que a “seca flagelava esta Província, e os seus terríveis efeitos faziam-se sentir em quase todas as Comarcas do alto sertão” (Relatório, 12/08/1877, p.23). A partir desse relato percebemos que a situação era preocupante por vários motivos, seja pelo número de mortos vitimados pela fome e as doenças, como veremos mais a frente, ou pelo descontrole dos fluxos migratórios para outras regiões, o que resultou na superlotação e demandou maior atenção pública para combater o problema das secas.

Entre as primeiras ações feitas pelo presidente, segundo consta do relatório, foi a abertura de um crédito, no valor de 5:000\$000 réis, para compras de gêneros alimentícios, sob a responsabilidade de uma comissão formada para as Comarcas de Pombal, Souza, Piancó, Patos e Cajazeiras, todas no sertão (Relatório, 09/06/1877, p.10). O envio de alimentos para as áreas mencionadas, que já sofria com a escassez de água e os surtos de varíola, eram realizadas via porto de Mossoró (RN), o que prolongava o tempo de chegada dos alimentos - feijão, milho, carne verde e farinha - às áreas afetadas, devido à distância e as dificuldades de transportes. O jornal *A Opinião*³ já noticiava as consequências da má administração pública: “Patos, Santa Luzia, o Cariri **todo o sertão** estão reduzidos à miséria, estão se despovoando: e os socorros são insuficientes para as mais vitais necessidades, principalmente pelo modo por que são distribuídos” (*A Opinião*, 27/05/1877, p.2. Grifos nossos).

Segundo a documentação consultada, esses e outros fatores como a falta de pastos adequados para a sobrevivência do gado, contribuíram para a migração em massa, primeiramente, para o Brejo por possuir “terrenos agrícolas e férteis” (Relatório, 12/08/1877, p.35). Movimentação que resultou em uma sobrecarga na região, evidenciada nos relatos da época:

³ Fundado em 1877, o periódico estava ligado ao Partido Liberal. A publicação ocorria duas vezes por semana, circulou até 1878 (ARAÚJO, 1986, p.38).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Os sertões estão ficando desertos pela emigração para os brejos, impelida pela seca, à procura de recursos para manter a própria vida; e nos brejos surge a miséria pela superabundância de emigrantes que de tudo precisam e nada conduzem. E a safra dos gêneros alimentícios é diminuta para o grande e inesperado aumento de população. A caridade particular esgota-se e a segurança individual e de propriedade desaparece.

Bem escuro é o quadro da província, cujo negro futuro muito deve merecer do governo imperial e da administração da província (*A Opinião*, 11/12/1877 *apud* ALMEIDA, 2012 [1923], p.157).

Entre as cidades do Brejo que mais receberam migrantes⁴, Areia destacou-se, acolhendo, aproximadamente, o dobro de sua população, com cerca de 25 mil migrantes (ALMEIDA, 1980, p.102), para uma população de 25.549 habitantes, conforme o Censo de 1872. Para abrigar toda essa população, inicialmente foi criado um hospital emergencial para o tratamento dos enfermos e de crianças órfãs. Os que possuíam boas condições de saúde eram designados para os mais diversos trabalhos, como a construção de açudes e estradas, estas deveriam ligar as localidades de Areia a Alagoa Grande, para maior locomoção e envio de mantimentos (ALMEIDA, 1980, p.102).

Ao investigarmos os Registros Paroquiais de Óbitos, da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, em Areia, no período de 1877-79, constatamos aproximadamente 2.037 mortos sendo 1.145 apenas do sexo masculino, as principais causas de mortes: febres diversas (522), espasmos (281), fome (226), inchação (178), hidropesia/anasarca (130), disenteria/câmaras de sangue/diarreia (203) (BRASIL, 2023, p. 31-32). Em relação ao lugar de procedência destacavam-se as regiões do Seridó, Mossoró e Fortaleza, na Província do Ceará; além das freguesias do sertão da Parahyba, como, Catolé do Rocha, Souza, Pombal (BRASIL, 2023).⁵

⁴ O termo “migrantes” foi empregado no plural para denominar, tanto as saídas e entradas intrarregionais e inter-regionais de famílias com base nos percursos migratórios observados nas documentações. A dinâmica do fluxo migratório ocorria, em muitas vezes, de acordo com as condições climáticas e obtenção de auxílios de uma região para outra.

⁵ Para mais informações sobre a Saúde e as Doenças no período da seca de 1877-1879 em Areia, ver: BRASIL, Rayane de Lima. **Tudo é Consternação, Miséria e Desespero: Seca e Doenças na Província da Parahyba na Década de 1870.** Monografia (Graduação em História). Universidade Federal da Paraíba (UFPB). João Pessoa, 2023.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Em outras áreas do interior, também localizadas no sertão, como São João do Rio do Peixe, entre os anos de 1877-1879, houve 427 mortes. Das doenças que mais acometiam a população estão a: fome (94), febres (46), diarreia/câmaras de sangue/disenteria (35), seguidas de outros casos menos expressivos de varíola, lepra, constipações e dentição (SILVA, 2012, p.41-42).

Em Teixeira, o jornal *A Opinião*, em 27 de maio de 1877, já exclamava: “ainda teremos muitos meses de fome até que venha a estação invernal do ano vindouro” (*A Opinião*, 27/05/1877, p.4). Em dezembro de 1878, em Cajazeiras, os migrantes chegavam às ruas em condições precárias, com fisionomias equivalentes a “cadáveres ambulantes e nus sem força para implorarem uma esmola [...] só tem a pele e os ossos” (*A Opinião*, 23/12/1878, p.2). Notícias como essas, tornaram-se frequentes entre os relatórios, cartas e jornais da época, os quais descreviam o drama e os horrores da seca, de um sertão “flagelado pela fome”.

Além do cenário crítico dentro nas regiões do Sertão da Parahyba, outra preocupação, relatada pelo Juiz de Direito da Comarca de Sousa, era com os migrantes oriundos de Mossoró (RN), em razão da epidemia de varíola que assolava o Rio Grande do Norte. Temendo que a bexiga se alastrasse para outras localidades, as autoridades enviaram cargas de vacina antivariólica “para vacinar e revacinar a população ameaçada” (Comarca de Souza, AHWBD, 13/04/1878). Já na Capital, local em que mais recebeu os migrantes do Sertão, foram criados hospitais públicos emergências, como o de Nossa Senhora das Neves, o de Santo Antônio, além do hospital e enfermagem da Cruz do Peixe ou dos Variolosos. Além disso, os Núcleos Coloniais também seguiram a função de abrigar as cerca de 35 mil pessoas que chegavam na cidade da Parahyba (ROCHA, 2007).

As 31 colônias formadas, entre 1877 a 1880, desempenhavam inúmeras funções como: construções de estradas e açudes, limpezas de ruas e praças públicas, assim como as de arborização dos centros urbanos. Essas, entre outras informações, constam na Relação dos Trabalhadores de 1879, a qual foi possível coletar

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

informações sobre o perfil de 60 trabalhadores distribuídos no processo de arborização da praça, que se localizava, em frente ao prédio da Repartição Pública e Estrada de Sanhauá. Podemos constatar que, dos 60 homens, 36 eram chefes de família, 14 solteiros e 10 viúvos.

Em relação ao local em que residiam antes da seca, aparece a Província do Rio Grande do Norte (12); a distribuição na Parahyba ficou da seguinte maneira: Independência (10), Sobrado (5), Areia: (5), Alagoa Nova (3), Sítio Pau-a-pique - São José dos Ramos (3), Curimataú (2), Campina Grande (2), Seridó (2), Jacaraú (2), Bananeiras (2); já os outros 12 trabalhadores residiam em Santo Antônio, Timbaúba, Villa-Flor, Cariri, Mulungu, Alagoa Grande, Serra Redonda, Rio Seco, Araruna, Borborema, Pilar e Água Doce (Relação dos Retirantes, AHWBD, 23/06/1879).

Durante o período da seca o Hospital da Santa Casa da Misericórdia, principal instituição de atendimento à população pobre da Capital e dos municípios vizinhos, passou a receber um grande número de migrantes. Essa ocupação foi alvo de críticas por parte dos médicos higienistas que atuavam na instituição, os quais, influenciados pelas teorias miasmática e contagionista, viam os migrantes como propagadores de doenças. Nesse contexto, os médicos acreditavam que a presença desses indivíduos, associados a condições de insalubridade e aglomeração, poderia agravar a saúde pública da Capital, colocando em risco toda a população urbana. Vejamos a seguir como o discurso médico-higienista retratavam os migrantes como “inferiores”, “pobres” e “desvalidas” que carregavam algumas doenças:

Como sucede em quase todos os hospitais de caridade que recebem pobres e desvalidos, as moléstias que mais predominam ali são as físicas e afecções pulmonares, moléstia que tanto tem de vulgar, como de perigosa pelos seus efeitos.

As moléstias sífilíticas, que se manifestam nos doentes ali recolhidos são ordinariamente hemorragias, gonorreias,, úlceras, cancros, bubões, phymoses, reumatismos, dores osteocopos, estreitamento de uretra, sugestões e tumores fistulares (Ofício da Santa Casa da Misericórdia, AHWBD, CX. 061(B), 1877).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

As descrições feitas, pelos médicos da Santa Casa da Misericórdia, revelam uma visão marcada pelo preconceito social e pela preocupação com as condições de higiene e saúde pública. A caracterização dos pacientes como “estragados por uma vida irregular” reflete, não apenas o julgamento moral atribuído à precariedade das condições de vida, mas também uma tentativa de culpar os próprios indivíduos pela disseminação de doenças. Essa percepção, embasada nas teorias miasmática e contagionista que circulavam à época, reforçava a ideia de que a saúde pública urbana estava ameaçada por corpos vistos como fontes de infecção e degradação. Segundo Nayana Mariano (2015), para os médicos, as doenças não eram apenas problemas de saúde, mas também ameaças à ordem urbana que refletia até mesmo no campo pedagógico, por isso era importante “a construção de escolas, a inspeção médico-escolar, a importância dos exercícios físicos, a prevenção de doenças, a preocupação com a alimentação, água, circulação de ar, iluminação, banhos, vestuário” (MARIANO, 2015, p. 252).

As doenças sífilíticas, também revelam o impacto da falta de acesso a tratamentos precoces e eficazes, de acordo com as discussões médicas da época era necessário “inspecionar lugares que acreditava serem espaços de proliferação da doença, a exemplo dos prostíbulos” (MARIANO S., 2020, p.266-267). A alta prevalência dos casos descritos, que incluíam, desde úlceras e cancrs, até estreitamentos da uretra e tumores fistulares, denota não apenas a dimensão epidêmica da sífilis no período, mas também a ausência de uma política de saúde pública voltada para a prevenção e melhores condições de saneamento, habitação e acesso regular a cuidados médicos que pudessem atender às reais necessidades da população, indo além do mero interesse civilizatório e de alinhamento ao projeto de modernização da Parahyba.

Observa-se, no discurso, que a descrição desses males como “rebeldes ao tratamento médico-cirúrgico” demonstra tanto a gravidade do estágio em que os

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

pacientes chegavam ao hospital, quanto a limitada eficácia dos recursos terapêuticos disponíveis. Além da ausência de iniciativas efetivas - que ultrapassassem o mero registro nos relatórios oficiais sobre o envio de cargas de suplementos, frequentemente atrasadas e insuficientes para atender às áreas do sertão —, perpetuou-se um ciclo de doenças que não apenas debilitava os indivíduos, mas também reforçava os estigmas e preconceitos sociais contra as populações mais pobres e vulneráveis.

Apesar do papel desempenhado pela Santa Casa, como espaço de acolhimento, também percebemos que servia como espaço de poder evidenciado nos discursos das autoridades administrativas e nas práticas disciplinares, voltadas para o controle do corpo. Essa articulação reflete a lógica da *biopolítica*, como discutida por Foucault (2008), na qual o poder se volta para a administração da vida coletiva, integrando estratégias de interesses que vão além dos problemas de saúde dos enfermos.

Como já mencionamos, a dinâmica migratória também era vista como um problema para o governo. O percurso ocorria em três processos: a escolha do local, o deslocamento e, por fim, a chegada. Muitos migrantes eram forçados a viver aglomerados em núcleos coloniais improvisados ou em prédios públicos, “[...] no saguão do convento de São Bento, na casa do mercado, no edifício da escola pública e em palhoças improvisadas no terreno que ficava ao fundo do palácio presidencial. E um avultado número perambulava ao desabrigo e dormia ao relento” (ALMEIDA, 2012 [1923], p. 159), locais que, devido à negligência do governo, contribuíam para o enfraquecimento do sistema imunológico e favoreciam a transmissão de doenças infectocontagiosas, como febre tifoide, tuberculose, sarampo, cólera e disenterias.

Embora, frequentemente, atribuísem essas condições à "desorganização" e “maus hábitos”, as autoridades ignoravam as raízes estruturais dessas precariedades,

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

como a falta de investimento em saneamento básico, políticas de saúde e condições dignas de acolhimento para os deslocados. Essas doenças não apenas refletiam as dificuldades dos migrantes, mas também expunham a insuficiência das ações governamentais para proteger as populações mais vulneráveis. Desse modo, a imagem negativa atribuída à população migrante passava a ser representada nas documentações oficiais de forma discriminatória, como exemplificado na correspondência enviada, pela Comissão de Socorros Públicos da Cidade de Campina. Grande, no dia 22 de abril de 1879, para o vice-presidente da província, o Pe. Felipe Galvão. A documentação detalha sobre os aspectos físicos dos migrantes e propõe a criação de mais um hospital emergencial para solucionar o elevado número de enfermos, além da solicitação de enfermeiros para realizar o acompanhamento dos tratamentos junto com a contratação de um boticário.

[...] grassa entre os emigrantes diversas moléstias, com infeccionalidade feridas que acham-se muitas com os dedos dos pés, e mãos caindo, e com feridas tais que os impossibilita de virem procurar o socorro público; pelo que não pode a Comissão socorrê las de modo prompto, a somar essas dificuldades, salvar esses miseráveis desse estado desolador, a Comissão propõe a V.Ex.^a a criação de um Hospital, e **nomeação de uma pessoa que encarregue-se do curativo, e enfermeiros**, designando a vcia a pago que julgue razoável.

A comissão tem a liberdade de lembrar a vcia o boticário Tenente Antônio I. Rodrigues Lima, que já foi diversas vezes tem-se encarregado igual Comissão e cumprindo-as (Diretoria Geral de Socorros Públicos - vários municípios (1878-1879), AHWBD, 22/04/1879. Grifos nossos).

Em relação ao fornecimento de medicamentos para as vilas e freguesias da Província, percebemos que não há uma frequência exata dos locais de recebimento sendo mais comum encontrarmos nas documentações envios de cargas de alimentos. Em três edições do jornal *A União Liberal* (1879)⁶ foram solicitados remédios homeopáticos e vacinas para o tratamento dos acometidos pela varíola e

⁶ Funcionou de 1878 a 1879, era publicado três vezes por semana na Typographia Liberal Parahybana e “tinha feição política, literária e noticiosa. Seu principal redator era Benedito Casado da Silva (ARAÚJO, 1986, p.38).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

outras doenças de caráter epidêmico. No entanto, não foi possível obtermos informações mais detalhadas sobre a quantidade de enfermos ou acerca dos resultados no combate das enfermidades. No Quadro I, logo abaixo, podemos verificar algumas cargas de remédios:

Quadro I – Relação dos envios de medicamentos para o tratamento dos enfermos em 1878 nas seções oficiais do jornal *A União Liberal* (1879)

EXPEDIENTE	ASSUNTO	FINALIDADE
Boletim (22/03/1878)	Avaliação da qualidade de medicamentos homeopáticos apresentados à Junta da Tesouraria da Fazenda	Fornecer ambulâncias homeopáticas para o tratamento de indigentes com moléstias epidêmicas no interior da Província
Expediente (29/08/1878)	Recebimento de involucro com 25 tubos capilares com lympho vacina e de 40 frascos de sulfato de quinino	Aplicação da vacina contra a varíola na Província da Parahyba e remédio para conter os casos de febre intermitente e anasarca
Expediente (01/10/1878)	Compra de 3 ambulâncias na Farmácia de Pernambuco no valor de 149\$000	Envio de 3 ambulâncias de medicamentos homeopáticos para o tratamento dos indigentes afetados de varíola e outras doenças nas comarcas de Ingá, Bananeiras e na Villa de Cabaceiras

Fonte: quadro elaborado e adaptado por nós com base em três edições do jornal (29/01/1879, 28/02/1879 e 26/04/1879).

O quadro I traz informações importantes sobre o tratamento dos migrantes a partir da homeopatia. Vale lembrar que “as discussões acerca das práticas homeopáticas e se elas eram ou não consideradas um tratamento adequado para determinadas doenças começaram a aparecer nos jornais da Parahyba do Norte nos anos de 1850”, como chama a atenção Nayana Mariano e Serioja Mariano (2022, p.237). Já na década de 1870 as propagandas acerca do tratamento homeopático são mais recorrentes nos anúncios de jornais, bem como no discurso médico.

Sobre os gêneros enviados pela Comissão de Socorro Público, para ajudar aos acometidos pela seca, podemos perceber na documentação que a cidade de Pombal foi a principal comarca responsável pelo depósito de gêneros alimentícios. Na Ata da Câmara Municipal de Pombal, em março de 1877, o fluxo de migrantes na região já chamava a atenção dos deputados: “falta meios ou recursos de ganhar o

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

pão, [...], no leito da fome, esperando a cada momento sucumbir!” (Câmara Municipal da Cidade de Pombal, AHWBD, 03/1877). De acordo com o Relatório de Província de 1878, Pombal distribuía os gêneros alimentícios para todos os municípios do Alto Sertão (Relatório, 1878, p.9). Em um mapeamento sobre as causas de mortes ocorridas nesta cidade, entre finais de 1878 e início de 1879, realizado com base no Livro de óbitos da Paróquia de Nossa Senhora do Bom Sucesso, encontramos os seguintes dados:

Quadro II – Principais causa mortis em Pombal (1878 a 1879)

CAUSA MORTIS	SEXO			TOTAL
	MASC	FEM	N/i	
Fome	9	18	4	31
Tísica	22	6	-	28
Febres	11	9	2	22
Beribéri	16	2	-	18
Câmaras de sangue	4	3	1	8
Estupor	2	4	-	6
Inchação	4	2	-	6
Diarreia/Disenteria	-	5	-	5
N/i	2	2	1	5
Sarampo	3	1	-	4
Repentina	2	1	-	3
Hidropesia	1	2	-	3
Reumatismo	-	2	-	2
Debilidade	-	1	1	2
Pleuris	1	1	-	2
Outras	5	5	1	11
SOMA TOTAL	82	64	10	156

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Fonte: quadro elaborado por nós com base nos dados obtidos no Livro de óbitos da Paróquia de Nossa Senhora do Bom Sucesso, em Pombal (1879).

Ao longo do século XIX algumas doenças aparecem com uma maior recorrência e, no contexto da seca, além dos surtos de varíola, como já apontamos, outras enfermidades tem uma grande incidência, os casos de tísica, seguida das febres e o beribéri⁷, como pode ser observado no quadro acima. Encontramos, ainda, outras causas de mortes como: espasmos, moléstias, apaziguada, asma, indigestão, mal crônico, bexiga (varíola), enfermidade, inflamação, tiro e icterícia. Em determinados casos, havia ainda um desconhecimento da etiologia das doenças, de compreender como determinadas patologias se desenvolviam.

As regiões do antigo Norte são conhecidas pelo clima tropical, quente e úmido, e com períodos de longa estiagem. Nessas localidades são comuns a incidência de doenças respiratórias como a pneumonia, bronquite, asma, pleuris⁸ e a tísica⁹, a segunda maior causa mortis registrada em nossa análise com 28 casos (homens: 22; mulheres: 6). Além da teoria da fisiologia patológica, decorrente da manifestação secundária de um desequilíbrio inflamatório generalizado no corpo, pela ingestão de certos alimentos, como carnes de origem duvidosa e substâncias ácidas, poderia comprometer ainda mais a saúde, tornando os indivíduos mais suscetíveis a essas doenças (BEZERRA, 2019, p.302-303).

Essas concepções evidenciam os limites do conhecimento médico da época, e como as condições ambientais, higiênicas e alimentares eram interpretadas como fatores determinantes para a alta incidência de doenças respiratórias, especialmente

⁷ Segundo Barbosa & Mariano (2021, p.307), o beribéri é uma “doença decorrente da deficiência de tiamina (vitamina B1). Quando a vitamina B1 não é consumida regularmente na alimentação, podem ocorrer sintomas mais simples como: insônia, diarreia, nervosismo, irritação, fadiga, perda do apetite”. Nos casos mais graves, podem ocorrer “dormência, formigamento e inchaço nas pernas e braços, dificuldade respiratória, problemas do coração, insuficiência cardíaca e até a morte”. Para maiores informações ver o site: <http://www.blog.saude.gov.br/>. Acesso em: 15 nov. 2024.

⁸ Inflamação da pleura, membrana que reveste os pulmões e a cavidade torácica, podendo causar dor ao respirar.

⁹ Terminologia antiga associada à tuberculose pulmonar, uma doença respiratória crônica.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

em períodos de crise climática e sanitária. No Brasil oitocentista os estudos dos médicos relacionavam as dietas alimentares como sendo causadoras do beribéri, ou seja, o consumo do arroz polido. Havia, ainda, muitas dificuldades “[...] de se explicar o mecanismo de sua origem a partir desse cereal”. Como nos explica Sônia Maria de Magalhães, “assim os paradigmas do contágio e da infecção se combinavam amiúde, quando os médicos discutiam a etiologia e a forma de transmissão desse mal” (MAGALHÃES, 2014, p.161). 2014, p. 161). Interessante observar a relação das doenças com a dietas alimentares cotidianas, o que fica mais evidente em um contexto de seca, fome e miséria.

Considerações finais

Em suma, as análises realizadas ao longo deste artigo permitem compreender como as doenças, no contexto da seca de 1877, foram representadas no Sertão Parahybano, evidenciando o seu papel na construção de narrativas históricas e culturais sobre a região. As enfermidades não foram apenas manifestações biológicas, mas também fenômenos sociais que interagiram com outros elementos — como o banditismo, os saques, as secas e a fome — para reforçar a ideia de um Sertão marginalizado e marcado por episódios de calamidades.

Essas condições, somadas à percepção de distância física e simbólica do Sertão em relação aos centros administrativos, consolidaram sua imagem como uma região periférica, distante e desvinculada de processos históricos mais amplos. Tal representação, porém, desconsidera a historicidade própria da região, assim como suas relações sociais, políticas e culturais vivenciadas, que vão além da imagem de um espaço estigmatizado, palco de tragédias, seja na literatura, nas produções cinematográficas e musicais, ou nas documentações oficiais da época.

REFERÊNCIAS

Fontes

A OPINIÃO, (PB). 1877.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

A UNIÃO LIBERAL, (PB). 1879.

CÂMARA MUNICIPAL DA CIDADE DE POMBAL, 03/1877.

COMISSÃO COMARCA DE SOUZA (1875-1878).

DIOCESE DE CAJAZEIRAS - 1879-1889.

DIRETORIA GERAL DE SOCORROS PÚBLICOS. 22/04/1879.

IBGE. Recenseamento do Brazil em 1872. Rio de Janeiro: Typographia G. Leuzinger, s.d. [prov. 1875].

PARAÍBA DO NORTE. Província da. Relatório apresentado à Assembleia Legislativa Provincial da Paraíba do Norte pelo presidente Esmerino Gomes Parente, em 12 de agosto de 1877. Paraíba: Tipografia Liberal Parahybana, 1877.

PARAÍBA DO NORTE. Província da. Relatório do Dr. Esmerino Gomes Parente ao 1º Vice-presidente, Dr. José Paulino de Figueiredo, 1 mar. 1878. Paraíba: Tip. Liberal Parahybana, 1878.

PARAÍBA DO NORTE. Província da. Offício com que o Exm. Sr. Vice-presidente Dr. José Paulino de Figueiredo passou a administração da província ao Exm. Sr. Dr. Ulysses Machado Pereira Vianna no dia 11 de março de 1878. Paraíba: Tipografia Liberal Parahybana, 1878.

PARAÍBA DO NORTE. Província da. Relatório do presidente Dr. Ulysses Machado Pereira Vianna à Assembleia Legislativa Provincial, 1 jan. 1879. Paraíba: Tip. Liberal Parahybana, 1879.

PARAÍBA DO NORTE. Província da. Relatório do 2º Vice-presidente Padre Felipe Benicio da Fonseca Galvão ao Dr. José Rodrigues Pereira Junior, 12 jun. 1879. Paraíba: Tip. Liberal Parahybana, 1879.

PARAÍBA DO NORTE. Província da. Exposição do Dr. José Rodrigues Ferreira Junior ao 2º Vice-presidente Padre Felipe Benicio da Fonseca Galvão, 30 abr. 1880. Paraíba: Tip. Liberal Parahybana, 1880.

OFFÍCIO N°674, enviado ao presidente da província Dr. Esmerino Gomes Parente, 10/07/1877.

Livro de Registros de Óbitos da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição em Areia (PB), entre os anos de 1877-1879.

Bibliografia

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 3. ed. Recife: Massangana; São Paulo: Cortez, 2006.

ALMEIDA, Horácio de. **Brejo de Areia**: memórias de um município. 2. ed. João Pessoa: Ed. Universitária – UFPB, 1980.

ALMEIDA, José Américo de. **A Paraíba e seus problemas**. Brasília: Senado Federal, 2012 [1923].

ARAÚJO, Fátima. **Paraíba**. Imprensa e Vida. João Pessoa: Imprensa e Vida, 1986.

BEZERRA, Rozélia. Algumas notas históricas e literárias sobre tísica e os tísicos no Recife do tempo dos sobrados. In: FRANCO, Sebastião Pimentel; PIMENTA, Tânia Salgado; MOTA, André (org.). **No Rastro das Províncias**: as epidemias no Brasil oitocentista. Vitória: EDUFES, 2019. p. 297-320.

BRASIL, Rayane de Lima. **Tudo é Consternação, Miséria e Desespero**: Seca e Doenças na Província da Parahyba na Década de 1870. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal da Paraíba (UFPB). João Pessoa, 2023.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1990.

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Dicionário de medicina popular**. 6. ed. Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

LE GOFF, Jacques. **As doenças têm história**. Lisboa: Terramar, 1997.

MAGALHÃES, Sônia Maria de. Beribéri: doença misteriosa no Brasil oitocentista. **História Unisinos**, 18 (1). Janeiro-Abril, 2014, p.158-169.

MARIANO, Nayana R. C. **Educação pela higiene**: a invenção de um modelo hígido de educação escolar primária na Parahyba do Norte (1849-1886). João Pessoa: Ideia, 2015.

MARIANO, Serioja R. C. Não há mais grave, mais perigosa, e mais temível: a sífilis na Província da Parahyba (1860-1880). **Saeculum - Revista de História**, v. 25, n. 43, p. 263–279, jul./dez. 2020.

MARIANO, Serioja R. C.; BARBOSA, Janyne Paula Pereira Leite. Exposição ou Controvérsia Médica? Nas Tramas das relações de Poder e Saber Entre os Médicos na Cidade da Parahyba em 1877. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**. Vol. 18, n. 2, junho-dezembro, 2021, p. 1-19.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

MARIANO, Nayana R. C. & MARIANO, Serioja. “Oh! Da Polícia, e da Câmara Municipal, Alerta!” A homeopatia na Província da Parahyba em Tempos de Epidemias (1850-1860). In: MIRANDA, Carlos; MARIANO, Serioja (orgs.). **Saúde e Sociedade no Brasil**. Recife: Ed. UFPE, 2022, p.236-266.

MELO, F. D.; ROCHA, T. B. T. da. “O sertão é uma palavra que designa sempre o outro”: entrevista com Durval Muniz de Albuquerque Júnior. **Revista Historiar**, v. 13, n. 24, p. 308–327, 2021.

NEVES, Erivaldo Fagundes. Sertão como Recorte Espacial e como Imaginário Cultural. **Politeia - História e Sociedade**, v. 3, n. 1, 2010.

REVEL, Jacques, PETER, Jean-P. O corpo: o homem doente e sua história. In: LE GOFF, J., NORA, P. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

ROCHA, Solange. **Gente negra na Paraíba oitocentista: população, família e parentesco espiritual**. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

SILVA, Rosimeire Pereira da. **Morte e Seca: a cidade de São João do Rio do Peixe (PB) durante a estiagem de 1877/79**. Monografia (Graduação em História) - Universidade Federal de Campina Grande, 2012.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade